

# Clube dos Glifófilos e a inserção da gravura como objeto de consumo no sistema da arte nas décadas de 40 e 50

Julio Cesar dos Reis<sup>1</sup>

 0000-0003-4755-3799

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2021.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4662

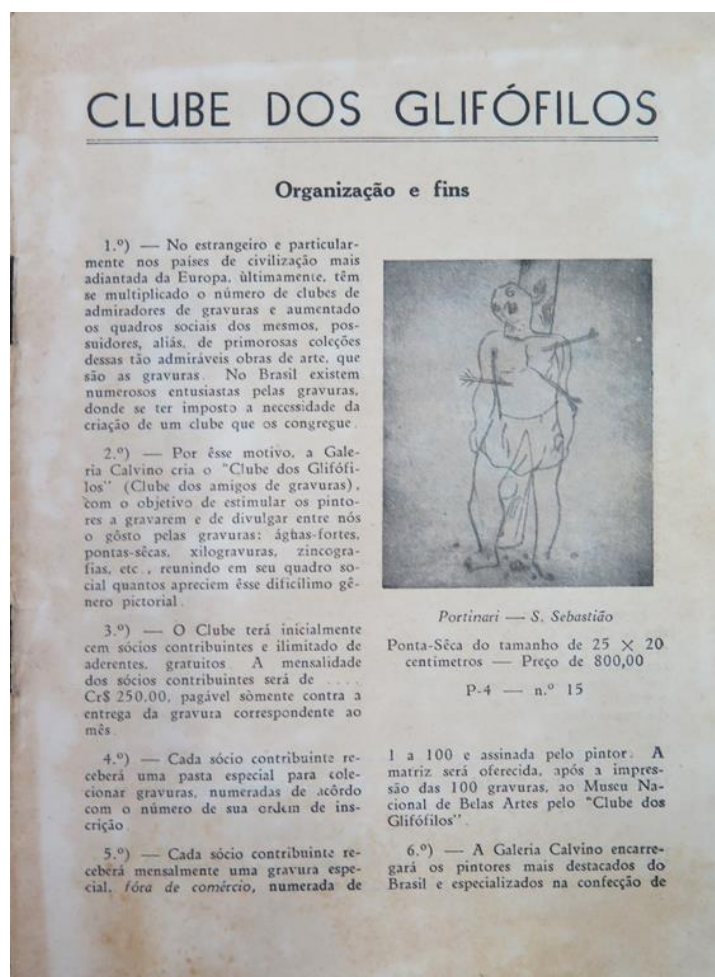
## Resumo

O Clube dos Glifófilos, primeiro clube de colecionismo de gravuras do Brasil, foi fundado no ano de 1949 tendo como fundadores Candido Portinari e Carlos Oswald, dois relevantes pintores de correntes artísticas antagônicas na história da arte brasileira. O Clube dos Glifófilos ajudou a promover a gravura como obra de arte autônoma incentivando o seu colecionismo, bem como sua inserção como objeto de consumo no sistema da arte e na elevação cultural da sociedade.

**Palavras-chave:** Clube dos Glifófilos. História da gravura. Mercado de arte. Comércio de gravuras.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Artes Visuais, linha História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



**Figura 1:**  
**Estatuto do Clube dos Glifófilos**, 1949.  
 Impressão *offset*. Dimensão: 18,1 cm x 13,7 cm.  
 Coleção Julio Reis, Rio de Janeiro, RJ. 10 p.

A proposta desta comunicação é apresentar algumas das estratégias para o incentivo ao colecionismo da gravura artística como obra de arte autônoma, ocorrida no período de 1949 a 1950 na cidade do Rio de Janeiro, através da criação do primeiro clube de gravuras do Brasil, o Clube dos Glifófilos. Os subsídios para a escritura deste texto têm sua origem na minha dissertação de mestrado: *Clube dos Glifófilos: o primeiro clube de gravuras do Brasil*, defendida em 2020 na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de História e Crítica da Arte sob a orientação da Profa. Dra. Angela Ancora da Luz.

O estudo deste clube até então era inédito na historiografia da arte, não sendo encontrada qualquer publicação anterior que tratasse do tema. Toda a pesquisa foi desenvolvida com base em fontes primárias, através de seu estatuto oficial, das gravuras produzidas para os seus associados e da consulta à hemeroteca da Biblioteca Nacional. Sua relevância se dá pelo envolvimento de importantes artistas plásticos empenhados em utilizar a linguagem da gravura como instrumento civilizatório de educação e alçando a gravura ao *status* de uma obra de arte autônoma como a pintura ou a escultura.



**Figura 2:**  
Fernando P., **Sem título (Manifestação)**,  
1949. Gravura água-forte para distribuição  
aos sócios do Clube dos Glifófilos. Dimensão:  
22,3 cm x 27,6 cm.  
Coleção Eduardo Ribas, Curitiba, PR.

O Clube dos Glifófilos foi fundado por José Calvino Filho, membro do Partido Comunista Brasileiro, organização que deu expressivo apoio à criação de outros clubes de gravura – Clube da Gravura de Porto Alegre e Clube da Gravura de Bagé, entre outros – que ajudariam as finanças do partido, através da arrecadação de parte do dinheiro obtido com a venda destas obras. Os Glifófilos estão inseridos num período muito particular de nossa história da arte, pois mesmo diante da chegada do abstracionismo, o modernismo tardio e a arte figurativa ainda se faziam presentes. Sua presidência era ocupada por Candido Portinari (1903-1962) e a vice-presidência por Carlos Oswald (1882-1971), precursor do ensino da gravura artística no Brasil. Os artistas que participaram desta agremiação se dividiam em dois grupos: aqueles filiados ao Partido Comunista e comprometidos com uma linguagem plástica moderna sem abrir mão da figuração – Candido Portinari, Poty Lazzarotto (1924-1998), Tomás Santa Rosa (1909-1956), Fernando P. (1917-2005) e Eugênio Proença Sigaud (1899-1979) – e os pintores gravadores comprometidos com a linguagem figurativa da tradição, liderados por Carlos Oswald, Carlos Geyer, Hans Steiner (1910-1974) e Edgard Cognat (1919-1994).

O nascimento do Clube se dá quase que simultaneamente à abertura da Galeria Calvino que, através de seu fundador, José Calvino, criou uma série de estratégias que irão mudar o conceito de venda de obras de arte, assim como do papel do marchand como agente transformador das relações entre o mercado e os colecionadores. José Calvino era sociólogo, escritor, industrial e formado em medicina sanitária pelo Instituto de Manguinhos. Foi membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundador da Revista Mundo Médico e um dos precursores na publicação de obras marxistas no país.

Como disse Quirino Campofiorito, na sua coluna em O Jornal<sup>2</sup>: “Como editor foi senhor dos recordes mais significativos alcançados por lançamentos literários no país. As Edições Calvino Filho atingiam repercussão extraordinária no âmbito do livro nacional”.

Como o governo Vargas cassou as atividades comerciais de sua editora e colocou o PCB na ilegalidade no final da década de 40, Calvino Filho decidiu entrar nesse novo ramo de negócios, as artes plásticas, aplicando em sua nova área de atuação toda experiência adquirida com o comércio de livros.

Segundo a imprensa da época, esta teria sido a primeira tentativa que se fazia no Rio de Janeiro para a venda profissional de obras de arte, tratando o produto *arte* não como um *secos e molhados*, mas como um elemento capaz de transformação e evolução cultural da sociedade, além de ser um investimento financeiro com retorno garantido. Ao analisarmos os textos publicados nos jornais a respeito da abertura da galeria, perceberemos que as informações são carregadas de mensagens subliminares de apoio a uma ideologização socialista da arte e da educação para o povo como um projeto de desenvolvimento do país.

**DÊ PRESENTES COM INTELIGENCIA !**

Perfumes, flores, bonbons, objetos de utilidade, etc., por ocasião dos aniversários, casamentos, festas, etc., são presentes comuns e banais, acessíveis a qualquer imaginação medíocre. Entretanto, há pinturas — água-forte, ponta seca, aquarela, etc. — assinadas por bons e notáveis pintores, que podem ser adquiridas desde Cr\$ 300,00 até muitos milhares de cruzeiros, para serem oferecidas como presente.

E todos facilmente percebem e sentem que o presente de uma pintura, produto único da inteligência e do sentimento de artista, revela por parte do ofertante fina sensibilidade e superior mentalidade, que se torna para logo em excepcional homenagem à inteligência e apurado gosto do presenteador.

Presentear, contudo, uma pintura má, é um desastre...

Não corra esse risco! Calvino Filho, corretor de Artes Plásticas, mantém uma exposição permanente, renovada cada 30 dias de belas pinturas de todos os gêneros, só expostas depois de escolhidas por uma COMISSÃO SELECIONADORA, constituída por laureados pintores brasileiros.

Antes de adquirir um quadro, visite, sem compromisso algum. :

**GALERIA CALVINO**  
que só vende “boa pintura”

Centenas de trabalhos dos mais notáveis pintores, reunidos em pastas especiais, poderão ser examinados pelos interessados. Os preços variam de trezentos a muitos milhares de cruzeiros. Facilita-se o pagamento a quem o desejar. Franqueada ao público de segunda à sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Aceitam-se encomendas de livros e revistas estrangeiras.

Edifício Civitas — Rua de Sta. Luzia, 799, quase esquina da Av. Rio Branco — Em frente ao Clube Militar — Grupo 201 — Telefone: 42-7073

**Figura 3:**  
**Dê presentes com inteligência!** Diário da Noite, 18 out. 1948, p. 5.  
Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/221961\\_02/47181](http://memoria.bn.br/docreader/221961_02/47181). Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>2</sup> CAMPOFIORITO, Quirino. Faleceu Calvino Filho. *O Jornal*, 19 jun. 1959. p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/110523\\_05/76214](http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/76214). Acesso em: 28 jan. 2022.

## As estratégias inéditas criadas para a venda de obras de arte na Galeria Calvino

Calvino estabeleceu uma série de procedimentos para o comércio de obras de arte na capital federal que até aquele não dispunha de muitos espaços onde os artistas pudessem expor e comercializar seus trabalhos.

- a. Instituição de uma comissão de quatro laureados pintores brasileiros para seleção das obras que iriam compor o acervo da galeria<sup>3</sup>.
- b. Mensalmente era inaugurada a exposição individual de um grande artista na sala principal, cabendo a Candido Portinari a inauguração do espaço. Nas outras salas o acervo da galeria continuaria exposto.
- c. Calvino criou um projeto bem mais consistente do que o simples comércio de venda de quadros, por entender que arte e cultura eram bens indispensáveis à educação e à transformação social de um povo dentro do projeto de construção de uma nação desenvolvida. Para cada nova exposição a ser inaugurada era realizada uma conferência por um acadêmico, crítico de arte ou artista de relevância cultural e intelectual, que apresentava ao público presente na inauguração um tema sensível às artes:
  - de 3 a 30 de novembro de 1948: exposição de 27 novas pinturas de Manoel Santiago e Haydea Santiago. Conferência às 16h sobre *A arte eterna*, proferida por Manoel Santiago<sup>4</sup>;
  - de 7 a 31 de dezembro de 1948: exposição de 22 trabalhos, entre guaches e desenhos, de Djanira da Motta e Silva. Conferência às 16h sobre *Pintura e Djanira*, proferida pelo poeta Murilo Mendes<sup>5</sup>;
  - de 20 de janeiro a [s.d.] de fevereiro de 1949: exposição de 14 obras de Jordão de Oliveira. Conferência às 17h30 sobre *A composição na pintura*, proferida pelo pintor Edson Motta<sup>6</sup>;
  - de 18 de março a 18 de abril de 1949: exposição de Ado Malagoli. Conferência às 17h30 sobre *Intuição ou técnica*, proferida pelo pintor Jordão de Oliveira<sup>7</sup>;
  - 10 de maio de 1949: exposição de Gil Coimbra, pintor boliviano. Conferência às 17h30 sobre *Arte e nacionalismo*, proferida por Herman Lima<sup>8</sup>.

<sup>3</sup> Justamente por desempenharem a constrangedora função de escolher as obras de seus pares e desprezar outras tantas, os nomes de seus integrantes não foram encontrados durante a pesquisa ou citados nos anúncios dos jornais em que é publicada a sua existência. Seria uma espécie de controle de qualidade do que seria vendido pela galeria.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_04/46010](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46010). Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_04/55889](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/55889). Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961\\_1949\\_04858.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/221961/per221961_1949_04858.pdf). Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_04/48124](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/48124). Acesso em: 21 jan. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/348970\\_04/57907](http://memoria.bn.br/DocReader/348970_04/57907). Acesso em: 21 jan. 2022.



**Figura 4:**  
Exposição em Belo Horizonte de gravuras contemporâneas.  
Correio da Manhã, 1 set. 1949.  
Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_05/49117](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/49117). Acesso em: 31 jan. 2022.

- d. Exposição de gravuras contemporâneas na cidade de Belo Horizonte, uma forma precursora das exposições itinerantes que vemos hoje no cenário das artes.
- e. A galeria possuía uma intensa correspondência com seus clientes e interessados em arte por todo o país, facilitando o conhecimento e o acesso à informação sobre trabalhos em pintura, desenho e gravura através de um boletim mensal de 36 páginas distribuído nacionalmente. Calvinu tirou proveito do cadastro nacional de clientes de sua extinta editora para o acesso a esse público consumidor de literatura.



**Figura 5:**  
Presente moderno e fino para o Natal. Jornal Diário da Noite,  
2 dez. 1948, p. 7. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/221961\\_02/48089](http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/48089). Acesso em: 31 jan. 2022.

- f. As obras poderiam ser adquiridas em prestações, uma modalidade de pagamento inédita para a compra de um quadro ou gravura.
- g. Os anúncios veiculados nos jornais da época nos mostram também a preocupação de Calvino em chamar a atenção para a importância da arte e da cultura, recomendando aos futuros clientes que, ao presentear alguém, o fizessem dando uma obra de arte ao invés de um produto mundano como perfume ou flores.
- h. Apoio da imprensa e críticos de arte da época, uma vez que a grande maioria era filiada ao Partido Comunista e colaborava com as atividades do aparelho através dos meios de comunicação.
- i. Sorteio pela Loteria Federal do Natal, de 1949, de prêmios sem qualquer ônus a mais para os sócios, além do pagamento mensal como membro do clube. Neste primeiro ano de funcionamento seriam dados os seguintes prêmios:
- 1º prêmio: uma tela, seja de Portinari, Manoel Santiago, Oswald Teixeira, Pancetti, Malagoli, Jordão de Oliveira, Inimá de Paula ou Djanira, de livre escolha, entre as que se encontram expostas na Galeria Calvino;
  - 2º e 3º prêmios: uma tela de preço não superior a CR\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) de livre escolha entre as expostas na Galeria Calvino, seja de qual for o pintor;
  - 4º ao 15º prêmios: uma gravura de qualquer dos pintores que expõem na Galeria Calvino.
- j. É interessante ver o profissionalismo no trato da obra de arte por parte de Calvino Filho até mesmo no ato de contratação dos empregados. No Jornal do Brasil, de julho de 1949, encontramos um curioso anúncio que buscava uma pessoa desembaraçada para trabalhar com gravuras de arte, o que já denotava uma exigência por um mínimo de cultura do candidato em saber ao menos o significado da palavra gravura:
- Moça desembaraçada. Precisa-se para trabalho externo, gravura de arte. Rua Santa Luiza, 799, 2º andar, Galeria Calvino, das 14 às 19 horas<sup>9</sup>. [ver figura 6]
- k. Além dos artistas nacionais, a Galeria Calvino também oferecia obras de artistas estrangeiros como Pablo Picasso (1881-1973), Gustav Courbet, (1819-1877), Paul Gauguin (1848-1903) e Henri Matisse (1869-1954), entre outros, transformando o novo espaço cultural não somente em ponto de referência para aquisição de arte brasileira de qualidade, mas também para o conhecimento de obras originais de artistas de relevância para a história da arte mundial, alguns deles ainda em atividade nos anos 50.

---

<sup>9</sup> Jornal do Brasil, Classificados, p. 31, 10 jul. 1949. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_06/61215](http://memoria.bn.br/docreader/030015_06/61215). Acesso em: 21 jan. 2022.

**EMBELEZE E ENRIQUEÇA A SUA CASA COM LINDOS QUADROS !**

Os pintores brasileiros, sem favor, comparam-se aos melhores do mundo. Seus quadros figuram nos museus e galerias mais famosos dos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, França, etc. Muitas telas de nossos pintores já alcançam preços elevadíssimos, tanto aqui como no estrangeiro.

A verdade que todos estão vendo é que o dinheiro se desvaloriza, mas os quadros, ao contrário, mais se valorizam com o tempo. Portanto, aplique inteligentemente o seu dinheiro na aquisição de telas pintadas por brasileiros, pois assim

EMBELEZARA' e enriquecerá a sua casa, constituindo, com o tempo, um apreciável patrimônio, que jamais se desvalorizará, PRIVARA' que é uma criatura de inteligência e sensibilidade apurada, ESTIMULARA' o progresso das artes plásticas entre os brasileiros. Procure, sem demora, a

**CALVINO FILHO**

Que representa muitos dos mais destacados pintores brasileiros, estando capacitado a fornecer-lhe, sem compromisso algum, toda e qualquer informação, a vender-lhe quadros prontos e a aceitar encomendas de pinturas de todos os gêneros, bem como a facilitar-lhe o pagamento, se necessário.

Antes de adquirir uma pintura, visite, sem compromisso algum, a

**GALERIA CALVINO**

que mantém uma exposição permanente, renovada cada 30 dias, de notáveis pintores de todas as escolas só expostas depois de escolhidas por uma Comissão Seleccionadora, constituída por 4 laureados pintores brasileiros.

Os preços variam de trezentos a muitos milhares de cruzeiros. Facilita-se o pagamento a quem o desejar.

Centenas de trabalhos dos mais notáveis pintores nacionais, reunidos em pastas especiais, poderão ser examinados pelos interessados.

Faça da GALERIA CALVINO o seu ponto de encontro habitual. É franqueada ao público de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas. Aceita-se encomendas de livros e revistas estrangeiros.

Edifício Cívitas - Rua Santa Luzia, 799, quase esquina da Av. Rio Branco, em frente ao Clube Militar, grupo 201 — Tel.: 24-7073

**Figura 6:**  
**Embeleze e enriqueça a sua casa com lindos quadros.** Diário de Notícias, 17 out. 1948, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_02/41538](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/41538). Acesso em: 31 jan. 2022.

**CONHECEIS OS MESTRES DA PINTURA MODERNA ?**

**Matisse - Picasso  
 Sauguin - Courbet  
 PORTINARI**

ADMIRAVEIS TRABALHOS DESSES PINTORES D  
 RENOME INTERNACIONAL ENCONTRAM-SE EX  
 POSTOS NA

**GALERIA CALVINO**

QUE 80' VENDE "BOA PINTURA"

Centenas de trabalhos, reunidos em pastas e gôças especiais poderão ser examinados pelos interessados. Os preços variam de cent a muitos milhares de cruzeiros. Facilita-se o pagamento a quem o desejar, sem fiador, sem juros e até ao prazo de 10 meses, com entrada de apenas 30%. Franqueada ao público de segunda à sexta-feira, da 14 às 19 horas. Aceitamos Agentes nas cidades do interior do país. Ótima comissão. Enviamos catálogo à quem o solicitar.

Edifício Cívitas — Rua Santa Luzia, 799 - 2.º andar — Quase esquina da Avenida Rio Branco, em frente ao Club Militar.  
 Telefone : 24-7073 — Caixa Postal 2477 — Rio.

**Figura 7:**  
**Conheceis os mestres da pintura moderna?** Diário da noite. 6 dez. 1948. p. 2. Disponível em [http://memoria.bn.br/docreader/221961\\_02/48164](http://memoria.bn.br/docreader/221961_02/48164). Acesso em: 31 jan. 2022.

### **A criação do Clube dos Glifófilos e as estratégias para tornar a gravura artística um produto acessível à classe média, como investimento financeiro e educacional.**

Todo esse apoio demonstrado à abertura da Galeria Calvino foi continuado a partir da criação do Clube dos Glifófilos com sede social na mesma galeria no ano de 1948 e cuja primeira notícia vamos encontrar na imprensa ainda no mês fevereiro de 1949. De acordo com o estatuto, o ano fiscal do clube englobaria dez meses, começando em março e terminando em dezembro. A cada mês seria produzida uma gravura água-forte exclusivamente por um artista escolhido pela diretoria, com tiragem de 100

exemplares para distribuição entre os associados. No entanto, foram produzidas no período apenas nove obras.

Ao analisarmos as frases e palavras usadas nos anúncios da Galeria e também do Estatuto do Clube podemos perceber que existe uma semelhança na escolha de palavras empregadas nesses textos.



**Figura 8:**

Carlos Oswald, **Uma rua no Bingen – Petrópolis**, 1949.

Gravura água-forte para distribuição aos sócios do Clube dos Glifófilos.

Dimensão: 26,8 cm x 34 cm. Coleção Eduardo Ribas Fontana, Curitiba, PR.

Os adjetivos utilizados para denominar o perfil do colecionador de gravuras agem diretamente sobre sua personalidade, dignificando-o como exemplo de elevação cultural, inteligência e preocupação social quanto à educação. Como exemplos podemos citar alguns trechos retirados de alguns artigos do Estatuto do Clube dos Glifófilos:

Artigo 1º. Somente as pessoas altamente dotadas de sentimento artístico sabem apreciá-las inteiramente.

Artigo 2º. As gravuras permitem instrutivas palestras sobre artes plásticas e os artistas, o que eleva o espírito das conversas habituais, com vantagens para todos e em particular para as crianças, que desde cedo vão se ilustrando e sendo atraídas para assuntos importantes em sua educação social.

Artigo 3º. Uma coleção de gravuras, nas residências modernas, com pouco espaço para quadros e objetos de arte, não ocupa lugar, mas enriquece a casa, material e artisticamente<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> CLUBE DOS GLIFÓFILOS. **Organização e fins**: estatuto social do clube. Rio de Janeiro, 1949, p. 3,4,5.

É muito interessante esse terceiro artigo por refletir um período muito particular da modernidade chegando ao Brasil dos anos JK (governo de Juscelino Kubitschek). Nessa época houve um grande crescimento imobiliário no país e a construção de edifícios de apartamentos se tornou um fenômeno nas grandes capitais daquela época como Rio de Janeiro e São Paulo, o que representava milhares de metros quadrados a serem preenchidos por essa nova classe média. A gravura era portanto a melhor opção custo/benefício para decorar esses apartamentos. Como o próprio George Kornis informa em palestra no seminário *A arte da gravura no Brasil*, na cidade de Cachoeira, Bahia, em 2014: “É um momento em que a urbanização aumenta [...] os apartamentos ajudaram a fazer coleção de gravuras, aumentou o número de paredes [...]. Urbanizou-se. Onde morava uma família, agora moram 50, 70 famílias [...]”<sup>11</sup>.

Mais trechos retirados do Estatuto:

Artigo 4º. A) As gravuras constituíam-se do mais alto valor artístico uma vez que eram produzidas por artistas relevantes daquele período como Candido Portinari e Carlos Oswald. B) As gravuras eram exclusivas para os associados do Clube e por isso somente esses teriam acesso à aquisição destas. [...] D) Como a tiragem era pequena e em edição única, rapidamente valorizariam com o tempo.

Artigo 6º. O próprio fato de pertencer ao Clube dos Glifófilos já dizia muito a respeito dos dotes intelectuais do associado, tal como ocorria nos países de velha e alta civilização como a Itália, França, Inglaterra, Alemanha etc.

Artigo 10º. As gravuras eram sinônimos de *status* social e ofereciam distração quando usadas para decorar salas de estar de empresas e autarquias nacionais.

A gravura era a mais representativa e democrática de todas as formas de expressão pictórica, simbólica deste tempo e deste povo [...]”<sup>12</sup>.



**Figura 9:**

Candido Portinari, **Sem título (Espantalho)**, 1949.

Gravura água-forte para distribuição aos sócios do Clube dos Glifófilos.

Dimensão: 33,5 cm x 25,9 cm.

Coleção Eduardo Ribas Fontana, Curitiba, PR.

<sup>11</sup> KORNIS, George. **Gravura**: passado, presente e futuro. Palestra proferida durante o Seminário A Arte da Gravura no Brasil. Cidade de Cachoeira, BA, 26 mai./28 jun. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mCmY\\_Oj3x64](https://www.youtube.com/watch?v=mCmY_Oj3x64). Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>12</sup> CLUBE DOS GLIFÓFILOS. **Organização e fins**: estatuto social do clube. Rio de Janeiro, 1949, p.3-5.

Cabe aqui um olhar particular para o ineditismo na proposta do Clube como uma tentativa de divulgar de forma mais ampla na sociedade a importância das artes visuais através da autonomia da gravura como técnica artística tal como a pintura ou a escultura. Ao analisarmos seu estatuto, percebemos a importância do papel social que tanto o colecionador quanto o marchand desempenharia na sociedade. Longe de serem simples acumuladores de obras de arte, livros, objetos ou qualquer item que lhes desperte o desejo de posse, há reservado para essas duas categorias um papel civilizatório junto ao seu grupo social. Mais do que reunir, classificar e acumular coisas, o colecionador também desempenha o papel de contribuir para a elevação cultural, abraçando para si, mesmo que inconscientemente, a missão e o compromisso de preservar, manter e agrupar todo um conjunto de obras, documentos e objetos que poderão, num futuro próximo ou mesmo após sua morte, completar lacunas importantes da história da arte. A história do gosto é mutável. Muitos objetos de arte que foram colecionados em uma determinada época em que não tinham qualquer valor simbólico ou comercial podem passar a ser valorizados numa próxima geração, seja essa valorização do ponto de vista do mercado quanto da própria história da arte como testemunhos de um tempo, um acontecimento ou modo de viver num determinado período da sociedade.

Além das gravuras e dos anúncios nos jornais e revistas, essa pesquisa só pôde ser iniciada a partir da importante fonte primária que se configura o Estatuto do Clube dos Glifófilos. No subtítulo *Organização e fins* estão dispostas as normas e procedimentos inerentes ao seu funcionamento, assim como as obrigações de seus associados. No entanto, mesmo o historiador da arte, de posse de uma fonte primária que comprove a existência do objeto, como seria o caso deste documento, ainda assim deve procurar outras fontes de pesquisa, contemporâneas ou não à época de sua existência, tais como jornais, livros, revistas, entrevistas, fotografias e depoimentos, entre outros. O historiador da arte não pode crer em tudo o que vê sem considerar o tempo e o espaço em que o seu objeto de estudo existiu. Mesmo que ele tenha em mãos as gravuras, que são as fontes primárias e a razão da existência do Clube, ainda assim tais obras não serão suficientemente compreendidas por estarem deslocadas do tempo e do espaço em que circularam. Panofsky diz:

Este seria o caso em que a documentação é tão boa e simples quanto se poderia querer encontrar, melhor e mais simples do que se precisássemos lidar com uma fonte “indireta”, como uma carta, uma descrição numa crônica, biografia, diário ou poema. No entanto, ainda assim, muitos problemas se apresentariam.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> PANOFSKY, Ervin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, p. 27.

Panofsky alerta para o fato de que o historiador da arte não pode ignorar ou desprezar o momento histórico, político e social em que o objeto de estudo, no caso o Clube dos Glifófilos, foi criado. Para entendermos sua importância necessitamos sobretudo compreender o ambiente vivido nas artes plásticas naquele período, e assim problematizar a razão de sua existência e do seu desaparecimento. Em seu texto introdutório *A história da arte como uma disciplina humanística*, o autor desenvolve seu pensamento:

Cada descoberta de um fato histórico desconhecido, e toda a nova interpretação de um já conhecido, ou se “encaixará” na concepção geral predominante, enriquecendo-a e corroborando-a por esse meio, ou então acarretará uma sutil ou até fundamental mudança na concepção geral predominante, lançando assim novas luzes sobre tudo o que era conhecido antes<sup>14</sup>.

Ao estar diante de uma gravura deste clube ou do seu próprio estatuto, o historiador da arte não deve ficar preso ao limite de sua visão ou ao material que tem em mãos. Panofsky nos alerta para a importância do alcance de nosso olhar para certos objetos que estarão inseridos dentro de um conceito de história, a partir do qual o historiador deve se guiar para, somente a partir daí, elaborar uma análise baseada em fatos e documentos, assim como no tempo e no espaço em que foram concebidos, elementos estes que o autor chama de fatos históricos.

Calvino Filho se revelou um marchand que planejou estratégias de negócios que viabilizassem a sua galeria. Ao escolher Portinari como o presidente do clube, imediatamente ele atrai os holofotes da imprensa e de todo o círculo social em torno do artista, apesar do fato de ele nunca ter sido um gravador contumaz. A ideia de convidar um dos mais prestigiados artistas daquele momento e o mais reconhecido pintor-gravador – Carlos Oswald – para presidirem um clube de gravuras, nos revela a importância que o marchand tem no mercado de arte e a influência que pode exercer dentro deste

**NUS  
FLORES  
MARINHAS  
RETRATOS, ETC.**

Calvino Filho, corretor de Artes Plásticas, mantém uma exposição permanente, renovada cada 5. dias, de notáveis pinturas de todos os generos, só expostas depois de escolhidas por uma COMISSÃO SELECIONADORA, constituída por 4 laureados pintores brasileiros.

Antes de adquirir uma pintura, visite, sem compromisso algum, a

**GALERIA CALVINO**

pois só assim evitará, enfiar a sua casa com desvaliosas e má pintura, grotescas copias de originaes famosos, facilmente reconhecíveis pelos conhecedores da boa pintura.

Os preços variam de trezentos a muitos milhares de cruzeiros.

Facilita-se o pagamento a quem o desejar.

Centenas de trabalhos dos mais notáveis pintores, reunidos em pastas especiais, poderão ser examinados pelos interessados.

Faça da GALERIA CALVINO o seu ponto de encontro habitual. É franqueada ao publico de segunda à sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Aceitam-se encomendas de livros e revistas estrangeiras.

Edifício Civitas — Rua de Santa Luzia, 799, quasi esquina da Av. Rio Branco - em frente ao Club Militar - grupo 201 - Tel. 42-7073

Figura 10:

**Nús Flores Marinhas Retratos, etc.** O Jornal, 31 out. 1948, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_04/46038](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46038). Acesso em: 31 jan. 2022

<sup>14</sup> Ibid., p. 29

sistema de trocas. Seu protagonismo continua sendo fundamental para as relações entre o colecionador, a galeria, os leilões, os museus e a sociedade.

Mesmo com todos os investimentos na divulgação através da imprensa, do apoio irrestrito dos críticos de arte e da participação de alguns dos mais importantes artistas da época, o Clube dos Glifófilos não conseguiu sensibilizar um número suficiente de associados para se manter, encerrando suas atividades no ano seguinte. A última obra foi produzida por Tomás Santa Rosa em janeiro de 1950. No entanto, uma faísca foi acesa e a partir dos anos 50 a gravura iria experimentar o reconhecimento internacional que nenhuma das outras formas de arte visual (pintura e escultura) experimentariam. Premiada nas bienais de São Paulo e na Bienal Internacional de Veneza entre outros importantes prêmios, a gravura tornou-se reconhecidamente autônoma, trilhando seu próprio caminho através não somente da figuração, mas também do geometrismo e da abstração lírica, ocupando um lugar de destaque num momento em que a modernidade se impunha como um fato crucial para o desenvolvimento das artes visuais no país dando as boas-vindas ao abstracionismo, neo-concretismo e outros movimentos iniciados nesse período.

### Referências bibliográficas

CAMPOFIORITO, Quirino. Faleceu Calvino Filho. **O Jornal**, 19 jun. 1959. p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/110523\\_05/76214](http://memoria.bn.br/docreader/110523_05/76214). Acesso em: 31 jan. 2022.

CLUBE DOS GLIFÓFILOS. **Organização e fins**: estatuto social do clube. Rio de Janeiro, 1949. 10 p.

KORNIS, George. **Gravura**: passado, presente e futuro. Palestra proferida durante o Seminário A Arte da Gravura no Brasil. Cidade de Cachoeira, BA, 26 mai./28 jun. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mCmY\\_Oj3x64](https://www.youtube.com/watch?v=mCmY_Oj3x64). Acesso em: 31 jan. 2022.

OSWALD, Carlos. **Como me tornei pintor**: notas biográficas de Carlos Oswald. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1957.

PANOFSKY, Ervin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. 439 p.

REIS, Julio Cesar dos. **Clube dos Glifófilos**: o primeiro clube de gravuras do Brasil. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/53700159/Clube\\_dos\\_Glif%C3%B3filos\\_o\\_primeiro\\_Clube\\_de\\_Gravuras\\_d\\_o\\_Brasil](https://www.academia.edu/53700159/Clube_dos_Glif%C3%B3filos_o_primeiro_Clube_de_Gravuras_d_o_Brasil). Acesso em: 31 jan. 2022.

REIS, Julio Cesar dos. Glifófilos: a origem do primeiro clube de gravuras do Brasil. *In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 458-469.

VERGOLINO, Paulo. **Carlos Oswald**: o resgate de um mestre. Catálogo da exposição realizada na Caixa Cultural Rio de Janeiro, 8 mar./18 abr. 2010. São Paulo: Unic Building Comunicações, 2010. 118 p.